

PRÓLOGO

KRASNOYARSK, RÚSSIA

14 DE MARÇO DE 2011, 16H22

Prek Vllasi tocou com o indicador da mão direita sua cicatriz de lábio leporino, onde a fenda palatina tinha sido grosseiramente suturada quando ele ainda era bebê. Repetia esse gesto centenas de vezes por dia, principalmente quando estava sob pressão. Nesse momento, dentro de um salão imundo no décimo andar de um edifício abandonado, no meio de um conjunto residencial da era soviética na cidade de Krasnoyarsk, ele ficava mais nervoso a cada minuto.

Prek verificou a hora mais uma vez e olhou para Genti Hajdini, que estava recostado a uma mesa dobrável, bocejando de vez em quando e limpando uma das unhas com a ponta do canivete. Cada vez que o via, Prek se espantava um pouco com as linhas retas do nariz adunco de seu subalterno. Do ângulo que olhava, o nariz lembrava a ponta afiada de uma foice. Sim, tinha certeza de que os chechenos viriam, Genti acabara de lhe garantir pela décima vez. Contatos confiáveis na Albânia, sua terra natal, tinham garantido isso. Embora pudesse senti-la, Prek apalpou a pistola Makarov que trazia enfiada no cinto, às costas. A bolsa da Puma com quinhentos mil euros estava no chão. Genti escondera as armas e o dinheiro em uma carga de frutas da Turquia transportada em um caminhão que ele dirigiu até o interior da Rússia. Não era de se admirar que estivesse cansado.

Não havia nada mais a fazer senão esperar.

O dia estava gelado. A temperatura beirava os vinte graus negativos e dentro de uma hora e meia o sol teria se posto. Do lado de fora, o céu estava da mesma cor terrerosa que os edifícios e o solo. Prek começou a caminhar de um lado para outro pelo salão, que no passado deve ter sido um espaço comunitário do conjunto residencial da periferia. Ele era meticoloso; tinha lido a respeito de Krasnoyarsk. Mais ou menos 65 quilômetros ao sul, na margem do rio Yenisei, ficava a cidade de Zheleznogorsk, mais conhecida por seu antigo nome soviético, Krasnoyarsk-26. Era uma cidade abandonada, onde foram instaladas fábricas que processavam sabe-se lá que materiais estranhos e perigosos destinados a produzir sabe-se lá que agentes de destruição. Plutônio destinado à produção de armamentos tinha sido processado em três reatores nucleares locais, e o último deles fora fechado recentemente. Durante anos os soviéticos se limitaram a despejar o lixo radioativo das usinas nucleares diretamente no rio, até que pensaram melhor e cavaram centenas de poços para os quais bombearam o dejetos letal, enviando-o para o subterrâneo. Prek sabia que zumbindo nas cavernas em torno dessa área havia radioatividade equivalente a centenas de Chernobyls, o que era um motivo a mais pelo qual ele ficaria muito feliz em sair logo dali.

Dois homens entraram sem falar nada. Magros e musculosos, de aparência rude, usavam sobretudo pretos e idênticos. Genti ergueu a cabeça.

— Artur? Nikolai?

Um dos homens se adiantou e parou a uns três metros de Prek.

— Eu sou o Artur — disse ele e apontou o colega. — Este é o Nikolai.

Prek voltou a olhar para onde estava Genti, que assentiu com a cabeça. Esses eram os nomes que haviam sido informados a eles: Artur Zakoyev e Nikolai Dudaev.

— Essa quantia que vocês pediram é um bocadinho de dinheiro — disse Prek em russo.

— O material não é fácil de conseguir — disse Artur. — Se fosse fácil, para que vocês precisariam da gente? Aliás, para que vocês precisam disso? Vão explodir algum lugar?

Artur abriu um sorriso irônico: referia-se ao fato de que a substância podia ser usada para fabricar detonadores de armas nucleares.

Prek sentiu repulsa: tinha visto dentes melhores numa mula.

— O que vamos fazer é da nossa conta — disse Prek. — Como saberemos se é autêntico? Tem que ser de boa qualidade, não qualquer porcaria velha que vocês estavam guardando num galpão.

— Vocês precisam confiar em nós. É para isso que nos pagam. Trouxeram o dinheiro?

Prek baixou o olhar para a bolsa, que chutou na direção de Artur. Em seguida observou Nikolai, que estava um pouco atrás e à direita do chefe. *É a segunda vez que ele olha o relógio*, pensou Prek. Artur deu um passo adiante e se agachou com as mãos à frente. Todos conheciam o procedimento: manter as mãos abaixadas e à vista, junto ao corpo. Artur abriu o zíper da bolsa e retirou dela um maço de notas de cem euros, que folheou com o polegar. Prek reparou que Nikolai verificava o relógio mais uma vez.

Ele está esperando alguém, pensou Prek. Olhou para Genti, que observava Artur contar o dinheiro. *Está esperando alguém que se atrasou*.

— Agora vocês têm que confiar em mim — disse Prek, com pressa. — O dinheiro está todo aí, portanto, quero pegar a mercadoria.

Artur se levantou e ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem.

Com o braço direito ainda levantado como se estivesse fazendo um juramento, Artur pôs a mão esquerda no bolso direito do casaco e puxou um objeto pequeno. Prek se balançou nos calcanhares. Não teria tempo de reagir, mas sabia que Genti era capaz de atirar na cabeça dos dois chechenos em segundos. Porém, o objeto não era uma arma, mas um pequeno recipiente de alumínio de 7,5 cm de comprimento por 2,5 cm de diâmetro. Prek avançou e recebeu o frasco, que guardou no bolso da calça. Nikolai disse algo que Prek não entendeu, e sem mais uma palavra os chechenos se viraram e foram embora. Artur ia agarrado à bolsa contendo o dinheiro.

— Vamos embora — disse Prek em albanês.

Quando chegou ao corredor, dobrou à esquerda, a direção oposta à da vinda, e por onde os chechenos seguiram.

— O carro está lá atrás — disse Genti, mas Prek já corria, dirigindo-se à escada, que ficava no lado mais distante do edifício.

Ouvia-se gente falando em tom alto, vozes que ecoavam, vindas da outra escada, e o som de tachas de metal do solado de botas batendo no cimento. Era esse o cara que os chechenos estavam esperando, e não a Câmara de Comércio vindo agradecer aos albaneses pelo bom negócio. Felizmente a pontualidade dos russos não tinha melhorado muito desde a queda do comunismo.

De armas em punho, Prek e Genti desceram correndo as escadas. Prek viu à frente viaturas policiais estacionadas e furgões pretos de portas escancaradas. Ele se virou e saiu correndo para os fundos do edifício, e Genti o seguiu. Os chechenos corriam adiante, em direção a um solitário carro estacionado no canto de um pátio interno. *Droga de amadores*. Prek vislumbrou a oportunidade.

Os chechenos entraram rapidamente no carro. Artur deu marcha a ré e manobrou, virando o veículo de frente. Antes que pudesse engatar a primeira, Prek e Genti já estavam em cima deles e cada um atirou três vezes no para-brisa. Artur foi atingido e lançado para trás no banco, com o pé pisando fundo no acelerador. O motor ficou trabalhando em ponto morto. Prek e Genti abriram as portas e puxaram os chechenos para fora. Artur tinha morrido com os miolos estourados. Nikolai tinha levado dois tiros no pescoço e o sangue borbulhava em sua traqueia enquanto a vida se esvaía dele. Prek acelerou e partiu, procurando outra via de saída do conjunto residencial. O coração dele ameaçava explodir no peito e começou a praguejar em voz alta. Estava sentado em cima de vidro quebrado e era obrigado a se inclinar para a frente, evitando que sua cabeça tocasse nos restos de massa encefálica de Artur, espalhados no encosto do banco.

— O que aconteceu?! — berrou Prek.

— Eles entregaram a gente — explicou Genti. — Ali...

Apontou para a frente, onde havia um caminho que levava à saída do conjunto e dava acesso a uma estrada secundária. Genti sabia que se trafegassem sem para-brisa na rodovia principal, não demoraria nem cinco minutos até serem parados.

Ele soltou uma exclamação de felicidade enquanto Prek reduzia a velocidade na estrada de terra. Prek deu uma espiada e Genti virou a cabeça para olhar o banco traseiro. Mesmo suja de sangue, a bolsa da Puma estava em perfeito estado. Prek deu um soco no volante e se virou para Genti, e os dois ficaram um bom tempo dando risadas.

PARTE I

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
28 DE FEVEREIRO DE 2011, 7H23

A garota de 12 anos acorda assustada. Está deitada numa cama baixa e estreita, de colchão fino, cercada por um bando de meninas. Elas são mais velhas — 16, 17 anos — e observam com más intenções a garota deitada. Algumas reprimem risadinhas, outras estão sorrindo, mas não parece ser de felicidade — são sorrisos de expectativa. Ainda é noite. No amplo dormitório há outros beliches e a garota sabe que as companheiras, mesmo acordadas, não se mexerão para ajudá-la, pois têm noção do que está para acontecer.

Paralisada de terror, a menina não consegue reagir quando a turba cai sobre ela. Enquanto está sendo arrastada para fora da cama ela vê sua principal algoz, a líder do grupo, com o rosto contorcido num esgar ensandecido. Mesmo assim, ela sabe que não adianta gritar por socorro. Em algum lugar do dormitório ouve-se, de repente, o som alto de alguém batendo em algo. E o som se repete.

Pia Grazdani, 26 anos, acordou em pânico e suando frio, e por um segundo ficou sem saber onde estava. Respirou aliviada quando percebeu que estava segura em seu quarto no alojamento estudantil do Centro Médico da Universidade Columbia. Alguém batia na porta.

Respirando fundo, ela pulou da cama com seu pijama de flanela, deu três passos rápidos até a porta e a escancarou, depois de abrir a

tranca. Como imaginara, quem batia era George, seu colega do quarto ano do curso de medicina.

— Pia, você sabe que horas são? Hoje é um dia em que você não deveria se atrasar.

O tom não era tão veemente quanto a mensagem que transmitia. Com mais de 1,85 m de altura, George Wilson era quase 18 cm mais alto que ela; porém, quando na presença de Pia, de certa forma sempre se sentia mais baixo. Para ele, Pia era dona de uma personalidade obstinada e impetuosa, e às vezes conseguia ser muito instável.

Pia manteve a porta aberta e George entrou no pequeno cômodo. Deixando a porta se fechar, Pia virou-se e passou depressa ao lado dele, ao mesmo tempo que puxava a blusa do pijama por cima da cabeça. George olhou para as costas nuas de Pia, para o desenho das escápulas que emolduravam a impecável pele bronzeada. Parada diante da cômoda baixa, Pia tirou da gaveta algumas peças de roupa para usar naquele dia e percebeu o olhar de George pelo espelho.

— Foi mal, George, eu não conseguia dormir. Aí, quando consegui, comecei a sonhar. Você pode ir na frente, que eu encontro você mais tarde.

Dito isso, Afrodita Pia Grazdani concentrou-se na tarefa de se arrumar. Quando tirou a calça do pijama, o rapaz virou a cabeça e ficou olhando pela janela. Preferia admirá-la, mas teve receio. Em vez de observá-la, se deteve ante a paisagem espetacular que ele e os outros estudantes de medicina tinham se habituado a considerar corriqueira: a gigantesca ponte George Washington, que ligava Manhattan a Nova Jersey. O trânsito habitual do horário de pico das manhãs estava parado nas duas direções.

— Tudo bem, Pia, vou esperar.

Depois, procurando alguma coisa para dizer, acrescentou:

— Imagino que você ainda não tenha entendido como usar aquele despertador que lhe dei de presente. Não posso vir te acordar todo dia. Você precisa dar um jeito de chegar na hora. Se preferir, também pode usar o alarme do celular.

George se calou. Tinha voltado a atenção para o quarto e ficou imediatamente paralisado ao ver Pia escovando os cabelos negros. Sentiu

uma tristeza imediata e avassaladora. Nas poucas vezes — exatamente quatro — em que Pia e George dormiram juntos, ela lhe pediu que fosse embora antes que ele adormecesse. E, em todas essas ocasiões, ela ficou parada diante daquela mesma penteadeira, de costas para ele, enquanto escovava os cabelos, exatamente como fazia agora. Após algum tempo, George constatara com desânimo que naquelas quatro preciosas ocasiões eles não tinham verdadeiramente dormido juntos, apenas fizeram sexo. Foram trepadas sem compromisso, de um jeito bem machista.

George tinha um porte atlético e boa aparência, o estereótipo do jovem estudante de classe abastada, além de fartos cabelos louros e rebeldes e um sorriso fácil. Durante a graduação, ficara sabendo que muitas patricinhas o consideravam “um tesão”. Nunca faltaram amigas com segundas intenções. Mas desde muito cedo George havia estabelecido o objetivo de ser médico, e não quis compromisso com nenhuma delas. Consequentemente, a vida sentimental de George se resumira a uma série de aventuras fortuitas e romances passageiros, com pouco envolvimento emocional. Ele sabia que havia magoado algumas mulheres, e isso ficava mais claro agora que a situação se invertera e chegou a vez dele de ficar magoado, pois tudo era diferente com Pia. Ela parecia não se importar, e aquilo o deixava louco. Em várias ocasiões ele se propôs a esquecê-la, por ela ser emocionalmente traumatizada ou bloqueada, mas não conseguiu. Em vez disso, ficou até obcecado, em certa medida. George queria desesperadamente ter uma relação amorosa com a moça, mas não tinha ideia do que ela queria nem da razão pela qual o caso deles não evoluiu. Durante os três anos e meio do curso de medicina, ele não parou de tentar.

— O que você está esperando? — indagou Pia ríspidamente quando saiu de seu minúsculo banheiro ainda passando um batom claro, que era mais protetor labial que maquiagem.

A moça pegou o jaleco branco de estudante de medicina, vestiu-o e pendurou o crachá do centro médico no pescoço. Depois ficou segurando a porta aberta atrás de si, como se quem tivesse esperado fosse ela.

Desnortado, como de costume, George despertou do que se poderia considerar uma breve crise convulsiva e a seguiu porta afora. Quase teve de correr para alcançá-la, pois Pia caminhava apressada pelo corredor em direção aos elevadores.

Pia continuou andando depressa enquanto eles deixavam o alojamento e dobravam à direita, em direção ao complexo de edifícios do Centro Médico da Universidade Columbia. Localizado no bairro de Washington Heights, na Broadway, ele se estende ao longo da região norte do eixo da ilha de Manhattan. E mesmo àquela hora da manhã o lugar já estava movimentado.

Vestidas com jalecos brancos de comprimentos variáveis, as pessoas mais decididas que se deslocavam pela 168th Street eram os médicos, estudantes e funcionários dos hospitais e institutos de pesquisa. Os pacientes e seus familiares que vinham chegando eram mais hesitantes, tentando descobrir para onde precisavam ir, e estavam obviamente apreensivos quanto às razões que os levavam até ali e quanto ao que aconteceria ao longo do dia.

George levantou a gola do casaco para se proteger do vento rascante que vinha do rio Hudson e era canalizado para a 168th Street pela curva da Haven Avenue. No dia seguinte começaria março, mês em que a temperatura poderia subir para 15°C a qualquer momento, ou então poderia até nevar. Naquele instante o frio não era excepcional, mas um lembrete de que o inverno ainda continuava com algum poder.

George e Pia tinham de ir para prédios diferentes para iniciar a disciplina eletiva daquele mês. O quarto ano de medicina era cursado com uma série de rodízios de um mês de duração por várias especialidades, o que incluía um período eletivo no qual os estudantes podiam escolher a matéria específica de seu interesse. Aquele era o mês em que Pia deveria trabalhar com pesquisa, como ocorrera durante o mesmo período no terceiro ano. George trabalharia em radiologia, como no ano anterior. Essas escolhas eram particularmente relevantes, uma vez que, três semanas antes, George, Pia e o restante da turma de 2011 tiveram acesso a seus resultados nos programas de residência médica. Graças ao excep-

cional desempenho acadêmico dos dois e às enfáticas recomendações dos professores, tanto Pia quanto George conseguiram vagas no Centro Médico da Universidade Columbia: Pia em clínica médica e George em radiologia. Graças a uma dispensa especial, Pia começaria em paralelo o programa de doutorado em genética molecular, que lhe permitiria continuar seu trabalho laboratorial enquanto cumpria os créditos da residência médica.

Naquela manhã, o famoso geneticista molecular Dr. Tobias Rothman, vencedor de um Prêmio Nobel e de um Prêmio Lasker, estava aguardando Pia no Centro de Pesquisas Médicas William Black. Além de reconhecido por suas admiráveis realizações, o Dr. Rothman era ainda mais famoso no centro médico por ser uma pessoa de difícil convívio no trabalho, graças à total e irrestrita falta de traquejo social. Rothman não suportava gente burra. Na verdade, não suportava ninguém, exceto seu assistente de pesquisa de longa data, o Dr. Junichi Yamamoto. Quando Pia começou a disciplina eletiva do terceiro ano no laboratório de Rothman, George ficou apreensivo por causa da reputação do cientista, mas sua preocupação se atenuou, pois ele sabia por experiência própria que ela mesma era uma pessoa complicada. Ele conhecia a capacidade de Pia de frente a maioria das situações. Mas, para surpresa de todos, até da própria estudante, ela se entendeu maravilhosamente bem com o afamado e temido pesquisador. Na verdade, fora Rothman quem sugerira a Pia fazer o doutorado na Columbia, cumprindo a parte prática no laboratório dele. Antes de Pia, ele nunca tinha sido mentor de ninguém. Durante algum tempo houve especulações descabidas sobre o que estaria acontecendo entre a estudante de medicina de beleza exótica e o homem rabugento e universalmente detestado, mas respeitado, e principal celebridade da área de pesquisa no centro.

— Pia! Espere! — gritou George.

Do seu jeito tipicamente distraído, Pia já havia deixado George para trás na multidão. Driblando as falanges de estudantes de medicina que, com seus jalecos brancos, dirigiam-se para o edifício William Black, George correu para alcançar Pia no momento exato em que ela ia entrar no prédio e a puxou de lado. A moça encarou George, arregalando os

grandes olhos castanhos como se surpresa em vê-lo após, teoricamente, ter caminhado na companhia dele.

— Você quer almoçar comigo mais tarde? Hoje é o primeiro dia; então, eles devem pegar leve. Sei que provavelmente a minha rotina vai se complicar daqui para a frente.

— Não sei, George. O Rothman é... Você sabe, ele é...

— O Rothman é um idiota antissocial, é só o que eu sei.

— Não vamos discutir. Sei o que você e praticamente todo mundo acha, mas o cara tem sido legal comigo. Aliás, não sei o que ele está planejando para mim hoje, nem pelo restante do mês. Só sei que não posso planejar almoços com ninguém antes de descobrir o que tenho que fazer durante o dia.

— Eu posso dizer o que a maioria acha que ele está planejando para você.

— Ah, dá um tempo! — reagiu Pia irritada. — Isso de novo, não. Eu já falei várias vezes que o cara nunca avançou o sinal nem fez qualquer comentário vulgar perto de mim. Ele é um gênio que pensa estar cercado de gente burra, e talvez tenha razão, pelo menos em parte. Só está interessado no trabalho dele, e eu também. Estou totalmente ciente da reputação de antissocial dele, mas tenho sorte de ele me tolerar. Mal posso esperar para entrar lá. No decorrer do dia, se eu tiver um tempo livre, ligo para você.

Por uma fração de segundo, George ficou furioso. De repente seu cérebro foi invadido por um ciúme descontrolado do imbecil do Rothman. Todos o detestavam, e aqui estava a mulher pela qual ele sentia uma obsessão romântica dizendo-lhe, em suma, que fosse embora, pois ela mal podia esperar para encontrar o velho tarado, em vez de marcar com ele o que poderia ser o último almoço do mês. George respirou fundo enquanto observava a postura obviamente desdenhosa de Pia. Num lampejo, ele tornou a se perguntar por que continuava atrás dessa mulher quando ela parecia estar apenas tolerando a companhia dele.

George sabia, por instinto, que não deveria se importar tanto com o fato de ela planejar ou não encontrá-lo para o almoço, mas não conseguia evitar. Esse era mais um episódio de uma longa lista. Na última vez

em que fizeram amor, que era como George queria pensar no que Pia chamava de “transa”, ele tentou não dar importância a seu sentimento por ter sido dispensado por ela. A reação de Pia na ocasião, como agora no caso do almoço, fora de irritação. Naturalmente, depois de sair do quarto dela, em vez de se sentir bem por ter sido franco, ele se angustiou com a possibilidade de tê-la afastado de vez. Mas isso não aconteceu. Pelo contrário. Dois dias depois George recebeu em sua caixa postal do celular uma mensagem surpreendente: “Talvez você devesse telefonar para Sheila Brown”, e em seguida um número de telefone. George ligou para Sheila Brown e teve uma das conversas mais estranhas de sua vida. Ele descobriu mais sobre o passado de Pia do que ela jamais revelara.

— Alô, meu nome é George Wilson. Pia Grazdani me pediu que ligasse para você.

— Oi, George, ela me avisou que você telefonaria. Fui a assistente social e terapeuta dela por um tempo. Pia me disse que eu podia conversar com você.

— Ah... tudo bem...

Assistente social? Qualquer que fosse a expectativa de George, não era essa.

— Sei que é extremamente incomum uma terapeuta conversar com um desconhecido sobre uma paciente, mas Pia me pediu que fizesse isso.

Psicoterapeuta? Interessante.

— Numa situação normal, eu não revelaria a você quem sou. Estou infringindo regras da minha profissão. Mas Pia me convenceu a fazer isso. E se eu puder ajudá-la a superar tudo por que passou, estou disposta a fazer o que for preciso.

“Trabalhei muitos anos com a Pia; ela foi criada em lares adotivos, inclusive passando pelo que era conhecido como escola reformatória. Por causa disso, digamos que ela sempre achou muito difícil se envolver em qualquer relacionamento. É um problema de confiança. Ela não falou muito de você, mas considero encorajador o fato de ela ter pedido para eu me apresentar a você. Acho que quer que você saiba alguma coisa sobre ela, mas não consegue dizer ela mesma. Então, pediu a quem

sabe fazer isso melhor. As ideias dela sobre privacidade e laços afetivos são diferentes das da maioria das pessoas.”

Infelizmente, o rapaz sabia disso por experiência própria.

Sem entrar em detalhes, Sheila o incentivou a “continuar tentando” com Pia, pois, na opinião dela, ele seria “benéfico” a ela. Sheila concluiu dando a ele o número do telefone de seu consultório, para que ele o tivesse além do número do celular, no caso de querer voltar a conversar. George nunca telefonou e, apesar das alegações de Sheila, ele questionou o profissionalismo daquela conversa. Ao mesmo tempo, gostou de saber. Nunca abordou o assunto diretamente com Pia, revelando estar ciente da passagem dela por lares adotivos, mas tentou fazê-la se abrir em relação à própria infância, em termos genéricos. Infelizmente ela sempre respondeu que aquele era um assunto que não queria discutir. Era um tema proibido. George não se importou; deixou a questão de lado e não pensou mais no assunto. Estava dando à moça todo o tempo de que precisava.

George soltou o ar pelos lábios franzidos. O breve intervalo lhe deu a chance de se controlar e não falar coisas de que teria se arrependido mais tarde. Tentou até disfarçar a própria irritação.

— Bom, espero que seu dia corra tão bem quanto o esperado — disse ele finalmente. — Sei que você sabe se cuidar, Pia, mas ainda não sei como consegue aguentar trabalhar com ele.

— Não preciso ser amiga dele, George. Isso não é o jardim de infância. Se ele me tolera e me permite aprender com ele, pode ajudar na minha carreira. É só o que eu quero. Somos adultos, não precisamos ser amigos.

Pia já havia usado esse argumento antes, e George ficou na dúvida se ela estaria se referindo a Rothman ou a ele. Seu receio de ser abandonado por ela voltou à tona.

— Tudo bem! — encerrou George, levantando as mãos num gesto de rendição. — Foi mal por eu ter falado nisso.

— Pare de se desculpar! — repreendeu Pia, olhando o relógio. — Você parece um bobalhão quando fica pedindo desculpas. Agora eu realmente vou chegar atrasada.

Pia se afastou apressada. George se perguntou a que horas ela teria se levantado se ele não tivesse passado em seu quarto para acordá-la. Não pôde deixar de reparar que Pia nem se dera ao trabalho de agradecer, quanto mais de assumir um compromisso para almoçar com ele. Infelizmente, tudo aquilo era *pro forma*.

Pia mostrou a identidade ao segurança, assim como fizeram todos os outros estudantes, na maioria do primeiro e do segundo ano, que estavam a caminho das aulas que começavam às 8h. Em vez de segui-los, ela pegou o elevador para o 14º andar do Centro de Pesquisa William Black e seguiu para o espaçoso laboratório de Rothman. De todos os pesquisadores do centro, ele era o que tinha a maior área a seu dispor. No momento que atravessou a porta de metal e entrou no conjunto de salas de pesquisa, ela sentiu que o dia no laboratório já estava em plena efervescência. Os três técnicos pesquisadores, Panjit Singh, Nina Brockhurst e Mariana Herrera, faziam hora ao lado da cafeteira comunitária, depois de terem calibrado todos os instrumentos que necessitavam de ajustes diariamente. Exigente com tudo o que comia e bebia, Rothman mantinha em seu escritório uma máquina de Nespresso que somente ele e seu assistente, o Dr. Junichi Yamamoto, podiam usar.

— Bom dia, Srta. Grazdani — disse a secretária de Rothman, Marsha Langman, por trás da mesa. Uma sobranceira excessivamente definida se ergueu quando ela olhou o relógio na parede oposta. — É melhor não fazer disso um hábito.

Pia seguiu o olhar da mulher e viu o relógio. O ponteiro dos minutos tinha acabado de se movimentar: eram 7h49. A estudante parou e se voltou parcialmente em direção à dublê de servente e secretária de Rothman, excessivamente leal ao chefe, para a reprimenda inevitável.

— Você sabe que ele gosta que todo mundo chegue cedo — disse a secretária em tom acusatório.

— Eu não estou atrasada — retrucou Pia.

Os estudantes começavam as aulas e outras atividades às 8h, a não ser que tivessem dado plantão na noite anterior, nas matérias específicas que o exigiam.

— Ah, mas também não está adiantada. Mas não vamos começar o mês com o pé esquerdo. E devo avisá-la de que terá companhia em sua sala: um funcionário da manutenção está lá tentando consertar um problema na fiação. O sistema de segurança caiu.

— Quanto tempo ele vai demorar?

Marsha, uma afrodescendente de meia-idade com um jaleco longo que seu cargo não exigia, fez uma cara de quem diz: *Como vou saber?*

Pia ficou irritada. Mal tinha espaço para ela no que era descrito generosamente como sala.

— Será que o chefe vai ter tempo para mim agora de manhã?

Pia era uma das poucas pessoas que não reverenciavam Rothman e esperavam que ele fosse falar com elas. Enquanto fazia a pergunta, a moça virou-se para encarar a secretária. Os técnicos do laboratório ficaram calados. Pia se perguntou se eles teriam programado a hora do cafezinho para coincidir com a chegada dela, previsivelmente não adiantada o suficiente, e estariam tentando escutar alguma coisa que pudesse virar fofoca.

— Você sabe como ele está sempre correndo — respondeu a secretária. — Está sob pressão para terminar sua experiência mais recente com *salmonella typhi* em colaboração com o Dr. Yamamoto. Precisamos enviar por e-mail o artigo para a revista *The Lancet*, amanhã ou depois.

Marsha sempre falava como se estivesse envolvida ativamente na pesquisa. Era parte de sua estratégia para erguer barreiras e criar armadilhas para quem pretendesse falar com Rothman. Ela o vigiava como um cão de guarda assassino.

— Ele está lá dentro desde as 6h. — “Lá dentro” era o laboratório de biossegurança nível 3, frequentemente citado como BSL-3, onde vinha sendo realizada a pesquisa com cepas de salmonela. — Vou dar um jeito de ele ficar sabendo que você quer falar com ele.

— Muito obrigada — respondeu Pia, o olhar entregando sua irritação.

“Dar um jeito de Rothman ficar sabendo” significava apertar um botão e falar com ele pelo interfone. Como detestava perder tempo. Ela terminara o último projeto para o qual tinha sido designada por Rothman. Precisava se reunir com ele para descobrir o que faria naquele mês. E agora, para complicar as coisas, havia um operário na salinha dela.

Pia tinha uma sala por pura sorte. Poucos tinham esse privilégio no laboratório. Quando o principal assistente de Rothman foi demitido, depois de discutir com o chefe sobre algum detalhe insignificante de procedimento laboratorial, seu sucessor, Arthur Spaulding, tomou posse de uma sala mais próxima da área de biossegurança nível 3, e Pia herdou o espaço que fora de Spaulding.

Ao ver a porta entreaberta, Pia ficou indignada. Havia ali arquivos confidenciais, ainda que poucos no planeta fossem capazes de entender o que havia neles. Quando entrou, viu que sua bancada, que também servia de escrivaninha, estava ocupada: havia uma planta da rede elétrica e, em cima dela, ferramentas e fios espalhados. Num canto do cômodo minúsculo e sem janela havia uma escada, e no degrau mais alto uma pessoa, a cabeça e os ombros escondidos dentro do forro aberto. Três painéis tinham sido removidos e estavam apoiados na parede.

— Com licença! — disse Pia bem alto. Quando não obteve resposta, chamou ainda mais alto: — Ei, você aí em cima!

As palavras de Pia fizeram o homem se encolher e bater com a cabeça num cano do teto. Ele soltou um palavrão e saiu devagar de dentro do forro. Depois de uma rápida olhada em Pia, ele desceu da escada. Tinha uns 45 anos e a cabeleira grisalha, e usava um macacão azul-escuro. Sua testa tinha rugas profundas, a face era encovada, e possuía a pele descorada de um fumante crônico. O corpo era magro, porém musculoso. No crachá estava escrito “Vance Goslin”.

— Quanto tempo você vai demorar? — perguntou Pia, as mãos na cintura.

Goslin foi arrebatado imediatamente pela beleza notável e exótica da moça, sua pele luminosa e perfeita, os lábios carnudos e, talvez mais que tudo, por seus imensos olhos escuros. Contribuíam para o encantamento a confiança e a franqueza que ela demonstrava. No mundo de Goslin, moças com aquela aparência agiam de outra forma. Sentiu por ela mais do que uma atração qualquer: ficou intrigado.

— Depende de quando vou descobrir qual é o problema — respondeu Goslin, e apontou para duas áreas na planta sobre a mesa. Ele tinha um sotaque forte, que Pia julgou reconhecer, principalmente por

causa do nome dele. — Se o problema estiver aqui vai ser fácil resolver. Se estiver ali, vai ficar mais difícil, mas de um jeito ou de outro vamos resolver. Talvez até dê para acabar hoje à noite.

Acenou com a cabeça como se tivesse terminado de se explicar, mas continuou a avaliar o corpo bem-feito de Pia, como fizera enquanto falava. Ele nem disfarçava, como se isso fosse normal. Seu olhar acabou chegando ao crachá do hospital.

— Grazdani — enunciou, levantando as sobrancelhas com ar interrogativo. — Puxa, que sobrenome estranho.

Pia não falou nada, levando-o a pensar que ela fosse meio surda.

— Seu sobrenome é estranho. É italiano? — perguntou ele, falando mais alto. Exibia um sorriso zombeteiro, como se soubesse que o nome não era italiano. Era sua forma de flertar.

— Não, não é italiano. E por que está gritando?

Só em duas ocasiões na vida Pia tinha falado de sua ascendência albanesa, e essa não seria a terceira, não com aquele homem. Em Nova York viviam milhares de albaneses e ela se lembrava do idioma o suficiente para reconhecer o sotaque quando o escutava. Certa vez, quando Pia estava comprando uma fatia de pizza, dois rapazes atrás do balcão começaram a falar descaradamente dos atributos físicos dela em seu idioma, até que a moça lhes perguntou em inglês se queriam que ela conversasse com o gerente sobre a indelicadeza deles.

— Na verdade, posso arriscar que é albanês — disse Goslin, mantendo o sorriso. — Sou descendente e tenho muitos amigos albaneses aqui em Nova York. Trabalham em manutenção, como eu. Praticamente dominamos esse ramo...

Pia não estava prestando atenção. Menos de uma hora antes ela estava sonhando com o pesadelo da infância, e agora este homem lhe recordava outro pesadelo — o pai —, o que fez aumentar sua irritação. Embora ela não o estivesse incentivando, o funcionário da manutenção continuava falando, tentando envolvê-la na conversa.

— E então, você é de onde? — perguntou ele.

Semicerrando os olhos, inclinou a cabeça de lado, como se estivesse a ponto de adivinhar. A situação não era incomum para Pia; muitos,

principalmente homens, tentavam adivinhar sua ascendência baseando-se na aparência dela, e em geral sugeriam que era grega, libanesa ou mesmo iraniana. Mas Pia não caíria na lãbia desse cara, ainda que ele tivesse acertado quanto ao sobrenome. O pai dela era albanês, embora a mãe fosse italiana.

— Sou americana — informou Pia. — Anda depressa com isso aí. Vou precisar da minha sala daqui a pouco.

— Você faz o quê? — prosseguiu Goslin, tentando continuar a conversa.

Pia não respondeu. Saiu da sala e só parou um instante para apanhar umas pastas de que poderia precisar.

Surpreendendo os técnicos do laboratório, que haviam deixado o cantinho do café e posicionaram-se em suas respectivas bancadas, Rothman surgiu de repente, saindo da unidade de biossegurança. Isso os espantou porque todos esperavam que o chefe fosse passar o dia trancado lá, como vinha acontecendo nas últimas semanas. Rigoroso na obediência às normas, ele passou pela câmara pressurizada e tirou o traje de segurança do laboratório, vestindo roupas comuns. Sem o jaleco, ele parecia mais um banqueiro que um cientista-pesquisador que acabara de lidar com a salmonela extremamente letal que causa a febre tifoide. Embora antissocial, ele se vestia com apuro, incongruência que remetia à preocupação dele com a opinião alheia. Mas a verdade é que não se importava. Vestia-se tão somente para si, e dia após dia o traje era o mesmo: um conservador terno italiano com paletó de três botões, camisa branca bem passada, gravata azul-marinho combinando com o lenço do bolso e sapatos pretos tipo mocassin. Não era um homem alto, mas andava todo esticado e parecia ter mais altura. De movimentos rápidos, era uma figura que intimidava, com sua postura marcialmente ereta e uma expressão facial que não convidava ao diálogo. Os cabelos castanho-escuros eram cortados de forma conservadora, para combinar com o terno. Sua única concessão à moda atual era a quase invisível armação dos óculos, de titânio.

Quando Rothman se encaminhou para a sala dele, os olhos dos técnicos o seguiram. Para eles, ficou logo claro o que tinha motivado

Rothman a sair da unidade de biossegurança. Ao avistar Pia ele fez gestos para que ela o seguisse. Quando a porta da sala se fechou, os assistentes trocaram olhares maliciosos, temperados por um ciúme coletivo. Todos sabiam que, com a pressão para escrever o artigo para a *Lancet*, o cientista jamais teria deixado a unidade de biossegurança para falar com eles. Na opinião dos técnicos, Pia era uma espécie de queridinha do professor, e o fato de não ser muito amistosa jogava contra ela. Tal qual seu orientador, sempre estava ocupada para bater papo e tinha uma atitude reservada. Além disso, todos a consideravam bonita demais para ser estudante de medicina, e pensavam, com um toque de maldade, que ela seria mais adequada para fazer um papel de estudante de medicina em algum seriado de televisão. Para a equipe do laboratório, Pia era um mistério, ainda maior por causa dos boatos que afirmavam que ela quase se tornou freira.

Se pudessem ver o que ocorria na sala de Rothman, os técnicos talvez não tivessem sentido o menor ciúme. O chefe e a aluna davam a impressão de estar envolvidos em algum ritual secreto, em vez de em um diálogo. Eles nem se entreolharam durante o breve encontro. Depois de comunicar à aluna seu desejo de que ela editasse o artigo sobre salmonela para a *Lancet*, Rothman pegou uma das duas cópias de cima da mesa e se pôs a estudá-la com atenção. Pia parecia igualmente absorta, olhando para os próprios pés com os braços cruzados. À medida que o silêncio incômodo se alongava, um leigo talvez conseguisse identificar a falta de traquejo social de ambos; se tivesse tempo suficiente, um psicólogo poderia ir mais longe, do ponto de vista de diagnóstico.

Finalmente Rothman inclinou-se sobre a mesa e entregou uma cópia do artigo a Pia.

— Trate de deixá-lo no mais alto nível. Preciso dele pronto amanhã de manhã. Depois conversaremos sobre o que você vai fazer esse mês.

Ele ainda não tinha olhado para ela.

— Eu sei que você sempre esteve mais interessada na minha pesquisa de células-tronco do que na de salmonela, e por mim tudo bem. O mérito é seu, considerando que finalmente sabe alguma coisa prática de

genética, em vez do lixo que ensinam a vocês em sala de aula. E só mais uma coisa: o maldito reitor empurrou para mim mais dois alunos para um mês de eletiva. Então, quero que você pense um pouco no que eles podem fazer enquanto estiverem aqui. Não vai ser fácil; tenho certeza de que não servem para nada.

— Onde estão, e como posso encontrá-los?

— Devem começar amanhã. O Dr. Yamamoto vai apresentá-los a você. O principal é que não quero que tomem muito tempo do Junichi, porque ele parece gostar desse tipo de idiotice. Preciso que ele se concentre no trabalho que estamos fazendo.

— Com aquele cara da manutenção na minha sala, não posso fazer nada.

— Pelo que entendi, ele termina o serviço ainda hoje. Então, tudo isso fica para amanhã.

Rothman nunca estava interessado nos detalhes da administração de seu imenso laboratório. De repente, concentrou-se novamente na leitura do artigo para a *Lancet*.

Sem se deixar despachar por Rothman, Pia disse:

— Há uma coisa que preciso conversar com você. Os resultados da seleção para a residência médica já chegaram. Vou ficar aqui na universidade, frequentando um programa conjunto em que faço o doutorado em biologia celular com você, conforme me ofereceu tão generosamente, e completo a residência em clínica médica. Bom, né?

— Bom coisa nenhuma! — reagiu Rothman, veemente, seu famoso mau humor vindo à tona. — Não gostei nada disso. Já disse uma vez, aliás, dezenas de vezes. Seria uma total perda de tempo você fazer residência em clínica médica, exatamente como foi para mim. Acho que é óbvio que você é, assim como eu, uma pessoa perfeita para a pesquisa, não para clínica médica. Você deveria ficar aqui no laboratório em tempo integral! Foi exatamente o que defendi na minha carta de recomendação para o programa de doutorado.

Um certo grau de tensão ficou pairando no ar. Por alguns segundos nenhum dos dois disse uma palavra. Também não se entreolharam.

— Mas tenho que pensar nas freiras — retrucou Pia.

A formação de Pia tinha sido parcialmente financiada pelas Irmãs Missionárias do Sagrado Coração, uma ordem religiosa internacional situada em Westchester County. Aos 18 anos, tendo passado da idade para viver em lares adotivos, Pia fugiu para a ordem religiosa em busca de segurança emocional. Embora no começo tivesse pensado em se tornar freira, mudou de ideia depois de concluído o equivalente ao ensino médio e uma parte da formação superior na Universidade de Nova York. Consequentemente, a relação com as freiras, em especial com a madre superiora, tornou-se mais condescendente. Ela já não faria o noviciado, mas ainda completaria a formação em medicina e depois iria para a África ajudar nas obras missionárias da instituição.

Mesmo após receber bolsa integral da Universidade de Nova York e na Faculdade de Medicina da Columbia, Pia tinha contado com a expressiva contribuição das freiras, e era natural que se sentisse em dívida com elas.

— Eu não posso deixar de cumprir uma promessa que fiz há dez anos. Mesmo concordando com você sobre minha personalidade se adequar mais à pesquisa, acho que terei de levar adiante o plano original de me tornar médica, e, pelo menos por um tempo, atender à necessidade da ordem.

Uma enxurrada de obscenidades escapou dos lábios de Rothman. Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Aqui estou eu, oferecendo a você a oportunidade de fazer parte da história da medicina com minha pesquisa de células-tronco, e me vejo tendo de me preocupar com um bando de freiras em Westchester. — Calou-se por um momento para organizar as ideias. — De que valores estamos falando aqui?

— Não entendi.

— Ora, não seja boba. Quanto você acha que está devendo a elas em dólares?

— Não acho que eu possa pensar nesses termos.

— Não vamos complicar. Me dê um número, qualquer que seja.

Pia pensou por um momento. Não era uma tarefa simples. Ela jamais tinha atribuído um custo à educação que recebeu das freiras, que

lhe proporcionaram a sensação de estar protegida dos males causados pela vida adotiva. Ela deu de ombros.

— Ah, sei lá. Talvez uns cinquenta mil. Ou coisa assim.

— Pois está combinado; você vai pedir um empréstimo de uns cinquenta mil no meu banco, e eu assino como fiador.

Pia ficou momentaneamente sem saber o que dizer. Em sua vida, jamais recebera apoio financeiro de ninguém, e muito menos na ordem dos cinquenta mil dólares. Ela ficou sem saber como reagir.

— Não sei o que dizer — murmurou.

— Então não diga nada! Voltaremos a esse assunto, mas por hoje preciso que você se dedique totalmente a esse artigo para a *Lancet*. Ele precisa ser avaliado por outros olhos, e os dados estatísticos precisam ser conferidos.

Rothman se levantou de trás da mesa. Com a atenção direcionada à folha de papel que estivera examinado de forma intermitente, ele saiu do escritório. Pia ficou atônita. Basicamente ele tinha acabado de emprestar a ela uma quantia enorme, e lhe pedido ajuda num documento de importância vital.

— Tudo bem, já tenho trabalho a fazer — disse baixinho. — Agora só preciso tirar aquele cara da minha sala.

Saindo pela mesma porta atrás de Rothman, ela se dirigiu à bancada na qual organizou seu espaço temporário de trabalho.

CONVENTO DA ORDEM IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO
WESTCHESTER, NOVA YORK
28 DE FEVEREIRO DE 2011, 19H20

Munida com a promessa do Dr. Rothman de lhe prestar apoio financeiro, Pia marcou para aquela noite uma entrevista com a madre superiora do convento das Irmãs do Sagrado Coração. Aquele não era um encontro pelo qual ansiava. Pia lembrou que, anos antes, a madre superiora a encontrara na amurada do convento, uma adolescente que na época tinha brigado com sua família adotiva e morava a alguns quilômetros de distância. A madre levou a garota para dentro e elas conversaram. O resultado foi que, no fim de semana seguinte, Pia voltou com a permissão da família para ajudar informalmente no convento. O restante já se sabe, e culminou com a decisão de entrar para o convento quando alcançou a maioridade, com a intenção de talvez fazer o noviciado.

Pia agradeceria pelo resto da vida à madre superiora pelo que fizera nos anos após sua mudança para o convento, principalmente por ter representado uma enorme diferença para melhor no que experimentara até então no sistema de adoção temporária. Embora se tratasse de mais uma instituição, Pia finalmente havia encontrado a paz. Ela constatou que a madre superiora se dedicava não só a ajudá-la a se adaptar ao modo de vida do convento, mas também a apoiá-la na navegação das águas agitadas do mundo real, fora da tranquilidade do santuário. Foi por

insistência da madre que Pia se interessou pelo ambiente universitário e se tornou uma aluna excelente, em vez de mediana. Mas a conclusão do equivalente ao ensino médio e o acesso à universidade lhe permitiram se conhecer o suficiente para perceber que a vida de freira não lhe convinha. Em vez disso, preferiu seguir carreira na medicina, área na qual sentia que poderia se destacar e encontrar uma serenidade equivalente à da vida monástica. Afinal, durante toda sua tumultuada experiência de criança adotada, ela sempre vira o médico como a condição *sine qua non* do poder e do controle do próprio destino. Mas a decisão acarretou consequências, principalmente em relação à madre superiora.

Cinco anos antes, Pia tinha marcado um encontro semelhante com a madre. Foi quando a moça comunicou que não seria freira, e sim médica. O encontro tinha sido tenso, porque a religiosa ficou obviamente decepcionada e deixou isso claro. Mas, ao mesmo tempo, encorajou a nova carreira de Pia, e comentou que os médicos eram muito necessários nas missões humanitárias da ordem na África oriental. Agora, ao entrar no escritório simples na madre superiora, sabia que estava enfrentando uma situação tão difícil — ou talvez até pior — do que ao desistir do noviciado. Quanto mais pensava em suas metas, mais achava que Rothman estava certo ao acreditar que ela era excepcionalmente qualificada para a pesquisa médica.

— Pia, minha querida, que bênção ver você! Todo mundo está com saude. As irmãs perguntam por você todo dia.

— E que bênção vê-la, reverenda madre!

Pia manteve os olhos fixos nas próprias mãos, enquanto se contorciam em seu colo. Estava no auge da ansiedade. Esperava que essa ansiedade não se refletisse na voz. Vestia-se com simplicidade — um vestido preto na altura dos joelhos e escarpins básicos. À primeira vista, a madre superiora parecia ter a mesma aparência do encontro anterior. O hábito da ordem religiosa contribuía para tal percepção. Mas Pia podia ver que o tempo estava deixando sua marca. A freira se deslocara devagar quando deu a volta na mesa para falar com a visitante. Da perspectiva de Pia, a mão da idosa, quando ela a pousou em seu ombro, dera a impressão de estar mais magra e delicada do que na visita do mês anterior.

Na curta viagem de trem ao deixar Manhattan, Pia foi ensaiando o que ia dizer. Queria deixar tudo claro para não haver mal-entendido. Estava confiante na própria decisão, mais do que estivera na sala de Rothman; sabia, porém, que a madre superiora tinha um talento excepcional para ignorar o que alguém estivesse dizendo enquanto ela conduzia a conversa por um caminho mais condizente com seus próprios interesses e opiniões.

Durante a troca de gentilezas, a memória de Pia evocou rapidamente as mudanças extraordinárias que sua vida sofreu desde que chegara ao convento, no que lhe parecia, naquele momento, ter sido uma encarnação atrás. Agora Pia cursava o quarto ano da Faculdade de Medicina da Columbia, por mais inacreditável que parecesse até para ela mesma. Recordava a enorme dificuldade que teve para convencer a universidade a aceitá-la. Lembrou que tinha sido obrigada a explicar os motivos que a levaram, aos 18 anos, a decidir ingressar numa ordem religiosa católica com obras missionárias na África. Sua experiência na Universidade de Nova York fora muito bem-sucedida. Desde o início a secretaria de admissão da universidade estava totalmente convencida de que, na qualidade de jovem emancipada da adoção temporária, Pia representaria um valioso acréscimo à rica diversidade de alunos de graduação da instituição.

Em contrapartida, a Universidade Columbia expressou desde cedo a preocupação com seu histórico e as potenciais consequências deste sobre o senso de independência da candidata e sua capacidade de criar empatia com os pacientes. Esse receio não foi declarado abertamente, mas Pia entendeu o recado, sobretudo quando lhe pediram que se submetesse a uma entrevista com um dos psiquiatras do centro médico. Presumindo que se não estivessem interessados nela não lhe teriam solicitado a entrevista, Pia concordou. Surpreendentemente, a entrevista se revelou mais agradável do que ela esperava. O psiquiatra conhecia bem as fragilidades do programa de adoção temporária de Nova York e pareceu solidário quando soube que dos 6 aos 18 anos ela estivera sob a proteção questionável do sistema. Infelizmente, Pia nunca tinha conseguido uma adoção ou lar permanente.

Embora o psiquiatra não fosse autorizado a acessar os dados pessoais da candidata, ela foi muito aberta e relatou suas experiências, ainda que minimizasse os detalhes mais importantes. Pia admitiu saber que agora percebia que fora vítima de abuso e que tinha sido obrigada a crescer sem a presença de uma figura protetora em sua vida, mas acrescentou que as experiências, em vez de tornarem-se um obstáculo, iriam fazer dela uma médica mais competente. Também fez pouco caso de certas somatizações, como um breve episódio de distúrbio alimentar na adolescência, e dos pesadelos recorrentes que ainda tinha.

À medida que a entrevista progredia, a sinceridade da moça foi recompensada, pois o psiquiatra também foi franco com ela. Na verdade, ele confessou estar sensibilizado com a maneira dela de lidar com as circunstâncias e admitiu que suas experiências podiam mesmo torná-la uma médica melhor, principalmente se ela se interessasse por especialidades como a pediatria. Declarou estar especialmente impressionado por suas notas altíssimas na Universidade de Nova York, pelo resultado quase perfeito no exame de admissão à escola de medicina, e pelo fato de ela ter conseguido sucesso como atriz na companhia de teatro universitária. Ele afirmou que tudo aquilo indicava o compromisso dela com sua meta de se tornar médica e que tinha se adaptado muito bem à vida cotidiana, apesar de tudo. Também revelou que a recomendaria enfaticamente para admissão à turma de 2011.

Depois da entrevista com o psiquiatra, Pia ficou eufórica e esperançosa de que a aceitassem. Porém, meses depois descobriu que aquilo não tinha sido suficiente para convencer o comitê de seleção. Aparentemente, alguns integrantes relutavam, achando o risco excessivo, apesar da recomendação do psiquiatra. Para conquistar a vaga foi necessária a inesperada intervenção de última hora de duas pessoas: a mãe superiora, que se ofereceu para ajudar e enviou uma enxurrada de e-mails cuidadosamente redigidos e persuasivos; e o Dr. Rothman, que na época fazia parte da banca de admissão pelo período obrigatório de três anos. Pia soube dessa surpreendente reviravolta nos fatos alguns anos depois, quando trabalhou com Rothman durante a eletiva no terceiro ano. Em um dos encontros normalmente incômodos dos dois, ele trouxe o as-

sunto à baila. Revelou algo que, segundo declarou, ninguém mais sabia: que ele próprio tinha passado pelo sistema de adoção temporária do estado de Nova York porque era uma criança hiperativa e problemática. Seu problema só foi diagnosticado muitos anos depois, quando, já adulto, ele mesmo reconheceu que tinha a síndrome de Asperger. Pia ficara atônita e ainda estava. Respeitando a confissão do professor, ela nada disse sobre o que ele revelou.

— Da última vez que você marcou uma reunião para falar comigo — continuou a madre superiora —, trouxe más notícias para nós no convento, dizendo que tinha decidido não fazer mais o noviciado. Minha intuição me diz que hoje você veio aqui por motivos semelhantes. Espero que eu esteja errada. Aqui no convento nós a amamos e temos muito orgulho de você e de suas conquistas.

Pia ergueu os olhos por um momento e encarou o olhar firme da madre superiora, mas não conseguiu sustentá-lo. Quase imediatamente desviou a vista, e ficou observando o crucifixo na parede acima do ombro da religiosa, pensando em dor, sacrifício e traição. Respirou fundo para tomar coragem. Como sempre, a madre superiora estava muitos quilômetros à frente dela, e pelo visto sentiu o que vinha por ali.

— Estou começando mais um mês de pesquisa no laboratório do Dr. Rothman.

— Ele é um homem talentoso. O Senhor foi generoso com ele.

— Ele vai fazer história como pioneiro da medicina regenerativa. Seu trabalho com células-tronco vai ser seminal e quero participar dele.

— Pelo que eu sei, você já faz parte dele. Pelo que você me contou, ele gostou de você. Não que isso me surpreenda. De que forma posso ajudá-la?

Pia baixou os olhos para as mãos. Sentiu uma ponta de culpa. Depois de tudo que a madre superiora tinha feito por ela, ali estava a religiosa se oferecendo para fazer mais.

— Acho que vou querer fazer pesquisa médica em tempo integral. Quer dizer, não quero ir para a África.

Pronto, falei, pensou Pia. Sentiu um alívio imediato. Por alguns segundos houve silêncio no ambiente. De súbito ela percebeu como fazia frio.

— Sei que isso é uma grande mudança, pois eu tinha me oferecido para ir à África, como uma forma de retribuir à senhora e à ordem por toda a ajuda que me deram todos esses anos desde que fiz 18 anos.

— Sua ida à África era em seu interesse, não no nosso — esclareceu a madre superiora. — Pia, por favor, não se precipite. Sei que posso parecer antiquada, mas há algum homem envolvido? Deve haver. É o seu fardo por ser tão bonita. Peça a Deus que o Dr. Rothman esteja agindo com honradez.

Pia reprimiu um sorriso. A sugestão da madre superiora era tão distante da realidade que ela achou graça. Se ela e Rothman tinham dificuldade em fazer contato visual, imagine algo mais íntimo.

— Posso lhe garantir que o Dr. Rothman tem sido bastante respeitoso.

— Deus tem maneiras infinitas de nos colocar à prova — continuou a madre superiora.

— Reverenda madre, não acredito que Deus esteja me colocando à prova. Garanto à senhora que isso não envolve nenhum homem. Tomei essa decisão porque é meu desejo e porque Deus me deu uma aptidão para esse trabalho. Mas eu gostaria de ressarcir o convento. Graças à generosidade do Dr. Rothman, tenho cinquenta mil dólares à disposição. Gostaria de doar esse dinheiro para o convento.

— Estou disposta a aceitar qualquer doação, mas não como ressarcimento. Por nosso serviço você não nos deve nada. Afinal, sua presença já foi pagamento suficiente.

— Eu gostaria muito de doar o dinheiro — disse Pia.

— Como queira, mas tenho outro pedido a fazer. Não quero que você se esqueça de nós. Espero que você ainda nos visite de vez em quando. Se nos esquecer, isso sim será uma traição.

Pia, que estivera observando o crucifixo atrás da madre superiora, viu-se de repente sem ação. Com a confiança subitamente estremecida, ficou olhando para o chão, sentindo-se pequena e insignificante. *Trair. Traição.* Da primeira vez que encontrou a palavra “trair” num romance, aos 11 anos, foi pesquisar o significado no grande dicionário escolar. A

definição lhe pareceu perfeita. Era aquilo que sua família havia feito, eles a tinham traído. *Traição* era a tragédia que a perseguira desde os 6 anos, no dia em que a polícia irrompeu pela porta do apartamento em que ela morava com o pai e o tio e a colocou nas garras do programa de adoção temporária da cidade de Nova York.